

Quero ser figurinista! Mas e aí?

[22]

Foto: Filme *Elizabeth* - a era de ouro. Divulgação

[ROSANE MUNIZ ¹]

Rosane Muniz é jornalista, atriz e autora do livro *Vestindo os nus* – o figurino em cena (Senac Rio, 2004). Mestranda em Artes Cênicas (ECA-USP) com a pesquisa *A trajetória de Gianni Ratto na indumentária*. Mantém o blog www.vestindoacena.com

E-mail: romuniz@gmail.com

Imagine que você vai ao cinema e, estranhamente, em vez de prestar atenção só no desenrolar do enredo, mantém olhos atentos para cada detalhe dos trajes da personagem e o que podem querer significar. Ou que você é freqüentador do teatro de sua cidade e, quando senta na poltrona, fica só esperando o espetáculo começar para observar como a protagonista está vestida, ou como o coro entra em cena... Ou, ainda, se você chega de um dia cansativo, senta no sofá de casa, liga a TV, mas em lugar de relaxar, começa a ver uma minissérie ou um seriado e fica atento aos detalhes das reconstruções históricas ou das pesquisas para tentar desmitificar as referências sugeridas no guarda-roupa. Bom, isso pode ser um sinal de que você é um apaixonado pelo trabalho do figurinista. E por que não fazer desse prazer sua profissão? Ok, você tomou a difícil decisão: "Quero ser figurinista!" Mas e aí?

Em primeiro lugar, para conseguir transmitir algum recado com o seu trabalho "ou mesmo uma pequena sinopse narrativa a respeito do presente, passado e futuro da personagem, você precisará de formação cultural ampla e de um grande sentido de observação", comenta a professora de Indumentária da UNIRIO, Ana Teresa Jardim Reynaud (LEITE e GUERRA 2002, p.15). É claro que existem muitos autodidatas talentosíssimos, mas uma escola específica pode preparar o profissional para aproveitar as referências na amplitude do repertório conquistado e para saber encarar melhor as agruras da profissão.

Bacharelado

No Brasil, no campo da formação universitária, os cursos específicos com habilitação em Cenografia e/ou Indumentária existem somente no eixo Rio-São Paulo, em três universidades públicas: UFRJ, UNI-RIO e USP. Nos outros Estados, há como ter noções da área no curso de Artes Cênicas, mas o foco geralmente é voltado para a interpretação ou direção teatral. Muitos estudantes, por desconhecerem os cursos específicos antes de ingressar na universidade, muitas vezes acabam se dirigindo para as Artes Plásticas ou, ainda, Cinema.

A habilitação em Cenografia e Indumentária da UFRJ acontece dentro da Escola de Belas Artes, no Departamento de Artes Utilitárias (BAU), e o candidato escolhe sua área já no vestibular, tendo que passar por testes específicos para poder ingressar no curso. Maria Cristina Volpi² salienta que, "além da formação ampla em teoria e história da arte, teoria da informação e ateliês de artes visuais, o aluno da federal carioca também está inserido no âmbito mais amplo das atividades universitárias, pois transita entre montagens do curso de direção teatral, de óperas da Escola de Música ou ainda de espetáculos de dança na Escola de Educação Física". Mesmo que interessado no campo da indumentária, o aluno estuda disciplinas básicas na área de cenografia e cenotécnica, "que favorecem o entendimento da concepção e construção de cenários", acrescenta Volpi.

Na USP, o aluno ingressa em Artes Cênicas, passa por amplas experiências em todas as áreas da atuação teatral e, ao final do segundo ano, pode escolher cursar os dois anos seguintes com Habilitação em Cenografia (que inclui o estudo da indumentária). O curso é aberto como optativo eletivo para toda a universidade. Desta forma, interagem na disciplina de cenografia, alunos de Arquitetura, Teatro, Artes Plásticas, Cinema, Letras, História, Filosofia, Tecnologia Têxtil (este acontece na USP Leste) ocasionando um rico intercâmbio, que também se dá no outro sentido, pois os alunos de Cenografia acabam também buscando complementar sua formação com disciplinas dos outros cursos. "O aluno, como base, recebe informações de todas as áreas de atuação. No entanto, o curso se molda de acordo com o interesse do aluno que deseja ser apenas figurinista. Ele escolhe as disciplinas", diz Fausto Viana.

No Centro de Letras e Artes da UNI-RIO, o bacharelado em Cenografia conta com disciplinas diferenciadas de concentração na área específica. Por exemplo, ele possui cinco semestres de indumentária, seis de cenografia, dois de adereço e um semestre de desenho técnico e geometria, além das disciplinas comuns aos cursos de direção teatral, interpretação teatral e teoria do teatro. Aliada à formação teórica e historiográfica dos futuros figurinistas, o aluno aprende na oportunidade da investigação do fazer teatral, nas Práticas de Montagem que realiza com os alunos dos outros cursos.

Apesar de não possuírem uma habilitação específica em cenografia e indumentária, a UNICAMP (SP) e a UFRN (RN), além de outras, nos seus cursos de Artes Cênicas, procuram desenvolver pesquisas na área e desenvolver seus alunos para este trabalho. Já a PUC-SP tem o curso de Comunicação das Artes do Corpo, no qual o aluno estuda dança, teatro e performance, relacionando corpo e espaço, corpo e indumentária e corpo e luz.

Especialização

Nas universidades, é possível continuar a pesquisa nos cursos de Pós-Graduação (Mestrado, Doutorado...) de todas as universidades já citadas. Além destas, neste segmento há também, no Senac São Paulo, um Mestrado em Moda, Cultura e Arte, com duas linhas de pesquisa: "Moda, Corpo e Sociedade" e "Arte, Corpo e Indumentária". Neste curso, o aluno pode "fundamentar-se nas ciências humanas como suporte teórico e metodológico para a investigação dos problemas associados à contextualização da relação entre moda, cultura e arte."³

Mas Adriana Vaz Ramos lembra que a principal característica que deve ser desenvolvida no profissional que deseja trabalhar com figurino é o entendimento de que ser figurinista não é ser estilista: "É preciso desvincular estes dois campos para poder melhor observar o que eles têm em comum e no que eles diferem estruturalmente. O interessado deve buscar conhecer arte em todas as suas manifestações".

O teatro é uma arena de idéias e de criatividade que requer cultura e treino técnico e físico. Quem sabe quanto trabalho exige a estruturação de uma personagem, a construção de um espetáculo? Alguém sabe que quatro anos de uma excelente escola de teatro são insuficientes para criar um profissional e que somente uma vida vivida para e pelo teatro constrói, consumindo-os, seres efêmeros chamados atores, diretores, cenógrafos, figurinistas, autores e músicos? (RATTO, 1996, p.108)

As palavras do diretor, cenógrafo, figurinista, iluminador e autor italiano Gianni Ratto, que tanto produziu não só no país natal, mas nos seus 52 anos de Brasil, nos lembra que, como na maioria das profissões, é na prática que o profissional enfrenta o seu amadurecimento. E Fausto Viana salienta que "ser figurinista não é tarefa simples; requer formação, informação e reflexão".

Emília Duncan e Diana Galvão alertam: "(...) de glamour a profissão não tem quase nada... tem, sim, muito trabalho, suor, pesquisa, que exige cultura e conhecimento, e habilidade para lidar com as fragilidades do ser humano"⁴. Duncan, historiadora e figurinista, estudou no FIT⁵ (NY) e é figurinista da TV Globo, responsável pelas pesquisas históricas da série *JK*, entre outras.

[24]

No exterior

Podemos concordar que o suor é muito e que pode até não haver na profissão todo o *glamour* que se espera, mas poder estudar fora do país é um verdadeiro luxo e as opções são variadas. Americanos e ingleses são especialistas em recriação de trajes, como você pode conferir, por exemplo, no filme vencedor do Oscar de Melhor Figurino 2008: *Elizabeth – A era do ouro*. Se você quer ir para os Estados Unidos, uma boa forma de decidir onde estudar é fazendo uma pesquisa no site do USITT⁶; nele, há um levantamento sobre os programas de ensino na área da indumentária. Já, em Londres, você pode pesquisar na London College of Fashion⁷. Na França, uma ótima opção é estudar em Lyon, na ENSATT⁸. Há também escolas maravilhosas em Moscou. Ou ainda, o Institut del Teatro⁹, em Barcelona.

Mercado de trabalho

Maria Alice Ximenes afirma que "o mergulho científico traz subsídios para uma melhor construção do pensamento e do impulso criativo, mas na prática também temos experiências empíricas que nos oferecem novos caminhos". Há trabalho para o figurinista em diversos meios e a demanda varia de cidade para cidade. No Rio de Janeiro há muito mercado em cinema, televisão, publicidade e carnaval. Em São Paulo, o mercado teatral também é bastante aquecido. E como começar a trabalhar? "Geralmente pelo bom relacionamento, entrando em contato com grupos, se oferecendo para trabalhar e crescer junto", é a trajetória mais lógica para Fausto Viana. Neste ponto, as oficinas e cursos técnicos são um bom caminho, não só de aperfeiçoamento, mas também de entrosamento.

Com a Lei Municipal de Fomento ao Teatro, em São Paulo, a maioria dos grupos oferece, como contrapartida social, oficinas gratuitas abertas, nas quais o profissional participa da pesquisa e vivencia o processo da próxima montagem, se tornando, eventualmente, um colaborador. Um exemplo é a Oficina de Direção de Arte, oferecida pelo Grupo XIX de Teatro.

O MAM tem um curso de figurino de quatro meses de duração, no qual você pode conferir o processo de criação e execução de um figurino para cinema ou emissora de televisão; ter noções da história da indumentária e entrar em contato com o *métier* do figurinista.

Ocasionalmente também acontecem *workshops*, com convidados nacionais ou internacionais, organizados pela Rede Sesc ou pela Oficina Oswald de Andrade. Até a Igreja N. Sa. da Achiropita serve de base para uma Oficina de Adereços do projeto Arte na Raça, com técnicas para a realização de adereços, fantasias e objetos cenográficos.

Fora do eixo Rio–São Paulo, há também espaços que oferecem cursos técnicos de formação muito interessantes. Um exemplo é o Instituto de Arquitetura, Moda e Design Orbitato¹⁰, que fica na cidade de Pomerode, em Santa Catarina, com cursos como *Moulage* e Planificação ou Design de Superfícies, entre outros. O blog www.vestindoacena.com procura sempre divulgar o período de inscrições desses eventos.

E por último, mas longe de ser menos importante, há as oficinas ministradas por Telumi Helen no Espaço Cenográfico, onde ela trabalha ao lado do cenógrafo J. C. Serroni. Este curso abrange a totalidade do teatro na parte de indumentária, cenografia e objetos de cena e onde, geralmente, os alunos são aproveitados como estagiários. "Na realidade, o curso é um exercício do processo do pensar da totalidade teatral em termos da construção. Abrange o processo geral dessa percepção". Mas Telumi salienta uma grande carência que percebe nos alunos não só do Espaço, mas nos outros Estados onde vai ministrar suas oficinas: a dificuldade para a leitura. "Não sou contra tecnologia. Ela tem que ser uma ferramenta e deve ser utilizada, mas as pessoas entram na internet e, ao invés de fazerem um levantamento geral para o estudo, se entregam e esquecem dos livros, que é onde podemos aprofundar. A falta de leitura me apavora, pois através do conhecimento é possível ter sabedoria."

Telumi Helen está lendo¹¹ sobre a esquizofrenia, "como uma forma de cada vez se aprofundar, aprimorar mais e tentar entender o que acontece dentro e fora, nesta riqueza infinita que o ser humano é." Avisa, porém, que "não adianta estudar todos os livros neuroticamente. Mas pegá-los e estudar muito um por vez, com prazer, com um fascínio para transbordar e criar, como prolongamento de cada personagem, numa alquimia do ator com seu papel".

André Cortez, coincidentemente, diz que "navegar pela esquizofrenia dos autores e seus personagens, dos atores e seus papéis, da minha própria com tudo isto" [risos] é a maior dificuldade da profissão, mas salienta que para ser figurinista é necessário "ser esquizofrênico" [mais risos]. E recomenda: "pinte bastante, corte papéis, balance tecidos nas lojas e goste muito de tudo isto!"

NOTAS

[1] Excepcionalmente, Fausto Viana não participou da coluna nesta edição.

[2] Para esta coluna, entrevistei, entre fevereiro e março de 2008, o figurinista e cenógrafo André Cortez; a figurinista, maquiadora de espetáculos e pesquisadora (doutoranda na PUC-SP) Adriana Vaz Ramos; o figurinista, cenógrafo, pesquisador e professor livre-docente de Cenografia e Indumentária (USP) Fausto Viana; a artista plástica, figurinista, pesquisadora (doutoranda na UNICAMP) e professora de Estética e História da Arte (UNISAL-Americana) Maria Alice Ximenes; a professora, pesquisadora e chefe do departamento de Artes Utilitárias – Curso de Artes Cênicas (UFRJ) Maria Cristina Volpi e a artista plástica, figurinista e professora do Espaço Cenográfico, Telumi Helen. As citações entre aspas foram extraídas de trechos das entrevistas realizadas.

[3] Texto extraído do *folder* de divulgação do curso. Para saber mais, acesse: www.sp.senac.br/mestrado/modaculturaarte.

[4] Citação extraída de entrevista de Emília Duncan a Diana Galvão, no site ModaBrasil, disponível em <http://www2.uol.com.br/modabrasil/entrevista/emilia_duncan/index2.htm>

[5] O site do Fashion Institute Technology (FIT) tem toda a relação dos cursos oferecidos. Apesar de mais voltado para quem se interessa por design de moda, também há cursos interessantes para o figurinista, tais como na área de pesquisa histórica de têxteis. Disponível em <<http://www.fitnyc.edu/html/dynamic.html>>

[6] O link para o levantamento sobre escolas de figurino realizado pelo United States Institute for Theatre Technology é www.usitt.org/costume/survey/

[7] Veja mais em www.fashion.arts.ac.uk

[8] École Nationale Supérieure des Arts et Techniques du Théâtre. Para maiores informações, acesse: www.ensatt.fr

[9] Saiba mais no site www.institutdelteatro.org

[10] Para saber da programação de cursos, acesse: www.orbitato.com.br

[11] DAHLKE, Rüdiger. *A doença como símbolo*. SP: Cultrix, 2000. O autor, que entende a doença como um fenômeno repleto de sentido – um caminho para a alma levar à consciência conflitos não solucionados, relaciona nesta pequena enciclopédia mais de 400 doenças, com cerca de mil sintomas ligados a elas.

REFERÊNCIAS

COHEN, Aby. *Cenografia brasileira século XXI: diálogos possíveis entre a prática e o ensino*. Dissertação (mestrado). ECA-USP, São Paulo, 2007.

LEITE, Adriana; GUERRA, Lisete. *Figurino — uma experiência na televisão*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

MUNIZ, Rosane. *Vestindo os nus — o figurino em cena*. Rio de Janeiro: Senac Rio, 2004.

RATTO, Gianni. *A mochila do mascate*. São Paulo: Hucitec, 1996.

VIANA, Fausto. *A cenografia na ECA-USP*. *Revista Sala Preta*. Nº 4, 2004, pp.193-199.